



How I Met Your Mother Sob a Perspectiva da Análise do Discurso e dos Estudos de Recepção¹

Carolina de Oliveira GOMES²
Mylena Ceribelle Gadelha SANTOS³
Kamila Bossato FERNANDES⁴
Universidade Federal do Ceará, CE

Resumo

O artigo em questão visa fazer uma análise da narrativa construída ao longo dos oito anos e das nove temporadas em que *How I Met Your Mother* (HIMYM) foi exibida pela TV americana. Conquistando milhões de fãs pelo mundo, a série mostra através da história de seu personagem principal como é interessante fisgar a atenção do espectador e torna-lo um público fiel de uma trama que se desenvolve ao passar dos anos. Após o *series finale*, episódio de encerramento da série, HIMYM causou controvérsias entre críticos e admiradores. Tudo por conta de um final que já vinha renunciado desde o início. A construção de uma narrativa se dá de forma inocente? A partir dos estudos da Análise do Discurso é possível perceber que há muito para se construir dentro de uma narrativa e as ligações são bem mais comuns do que se pensa.

Palavras-chave: Série; Narrativa; Discurso; TV

Introdução:

Criada do ano de 2005 e tendo sido finalizada recentemente, no ano de 2014, *How I Met Your Mother* é uma sitcom criada por Carter Bays e Craig Thomas que conta a história de Ted Mosby e seus melhores amigos, todos residentes na cidade de Nova York. A série trabalha com duas linhas temporais. Uma na qual Ted Mosby (Josh Radnor) conta para seus filhos como conheceu a mãe dos mesmos, situada em 2030, e uma na qual a história que ele conta se passa, situada no ano de criação da série. Ao longo de oito temporadas acompanhamos a busca de Ted pela mulher de sua vida, enquanto seus amigos Marshall Eriksen (Jason Segel), Lily Aldrin (Allyson Hannigan), Barney Stinson (Neil Patrick Harris) e Robin Scherbatsky (Cobie Smulders) vivem suas vidas e acompanham a história da personagem principal. A nona e última temporada se propõe a finalizar a jornada de Ted, culminando no momento em que ele finalmente conhece a mãe de seus filhos e termina, de fato, seu relato.

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Aluna do 5º semestre do curso de Jornalismo (ICA-UFC), e-mail: carolinadeoliveiragomes@gmail.com

³ Aluna do 5º semestre do curso de Jornalismo (ICA-UFC). E-mail: mylenagadelha@gmail.com

⁴ Professora do curso de Jornalismo (ICA) na Universidade Federal do Ceará. Mestre em Sociologia pela UFC, e-mail: kamila.fernandes@gmail.com



Este artigo se propõe a fazer uma análise discursiva da série através da história de seu personagem protagonista, porém outro ponto forte que será mostrado aqui serão os estudos receptivos do último episódio da série, exibido no dia 31 de março de 2014. A divergência acerca do que foi mostrado neste episódio foi grande. As opiniões, críticas e apoio ao final reverberaram por todas as redes sociais e uma grande parcela dos espectadores da série se propôs a analisar o último episódio de acordo com o que fora mostrado ao longo de nove temporadas.

Outro ponto muito importante adentra nas questões da criação de uma mitologia durante a série e o tempo narrativo do qual ela dispõe e trabalha. Os personagens agem de forma que os espectadores já conhecem e possuem atitudes próprias que se repetem ao longo de todas as temporadas. Já a questão do tempo é fundamental por possibilitar a dinâmica entre o relato de Ted e o que já aconteceu ao personagem. Analisaremos como esta criação pode ter afetado a recepção por parte dos espectadores e construído um discurso de aceitação ou rejeição ao episódio final. Porque uma grande parcela de fãs e espectadores se mostrou relutante perante o final concedido a estes personagens? De que forma o que foi mostrado pela série afetou a recepção aguardada pelos produtores?

A análise do discurso tão estudada por Roland Barthes será essencial nesta análise, justamente para entender os pontos convergentes e de divergência dos outros episódios da série para com o final apresentado. O que é pretendido aqui é entender como a audiência percebe e recebe estes elementos e desta maneira constrói o que é a narrativa, nem sempre da forma esperada pelos seus criadores, escritores ou produtores. Para analisar o último episódio, utilizaremos a série inteira como contraponto, para entender o que foi construído ao longo do enredo principal.

A análise estrutural da narrativa

Roland Barthes é uma das referências teóricas quando o assunto é análise das estruturas narrativas. Por anos o autor se dedicou ao estudo do tema e seu texto “Introdução à análise estrutural da narrativa” se mostra bastante eficiente para percebermos as sutilezas e as formas de construção de determinado discurso. Segundo Barthes:

A narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas



estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomina, na pintura (recorde-se a Santa Úrsula de Carpaccio), no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação. (BARTHES, Roland. 2008, P – 20).

A narrativa nos cerca a todo o momento e está presente em tudo que vivemos. Toda cultura possui suas próprias narrativas e muitas delas se encontram para que outras possam nascer. Conseqüentemente, a multiplicidade de maneiras das quais elas podem ser interpretadas é gigante. Por conta disso, analisá-la é um desafio, pois os fatores que são levados em consideração são muito abrangentes. Desta forma elas se combinam, se misturam. “[...] ninguém pode combinar (produzir) uma narrativa, sem se referir a um sistema implícito de unidades e regras.” (BARTHES, Roland. 2008, P – 20). O analista passa a ser também um produtor de sentido, já que passa a identificar as estruturas desta narrativa, para depois expor os seus sentidos. Assim, nenhuma análise é igual.

Podemos dizer que para se analisar determinada narrativa segundo seus dois níveis base: o nível distribucional e integrativo. No primeiro as análises se encontram no mesmo nível e estas relações não são suficientes para dar conta da significação. Já o nível integrativo é aquele em que as relações variam de um nível para o outro, produzindo assim determinado sentido. Uma narrativa é construída basicamente de frases, mas não pode ser reduzida a isso. Tudo no discurso se reencontra na frase. “[...] o discurso tem suas unidades, suas regras, sua “gramática”: além da frase e ainda que composto unicamente de frases, o discurso deve ser naturalmente o objeto de uma segunda linguística.” (BARTHES, Roland. 2008, P – 23). O autor reforça a ideia de que a narrativa é uma grande frase, assim como toda frase é o esboço de uma pequena narrativa.

Para se analisar narrativas é necessário que se entenda os níveis de sentido nos quais elas se encontram. Estes níveis se relacionam para criar o sentido deste discurso, mas só podem fazer isto juntos.

“Compreender uma narrativa não é somente seguir o esvaziamento da história, é também reconhecer nela “estágios”, projetar os encadeamentos, horizontais do “fio” narrativo sobre um eixo implicitamente vertical; ler (escutar) uma narrativa não é somente passar de uma palavra a outra, é também passar de um nível a outro.” (BARTHES, Roland. 2008, P – 27).

Para entendermos as unidades de uma narrativa, Barthes deixa bem claro tudo que a compõe. As funções, que são as primeiras unidades básicas, dão o caráter



funcional às narrativas para que estas sejam significativas de acordo com o critério de unidade – critério que diz que não se pode contentar com uma definição puramente distribucional em uma análise – . Assim, tudo possui uma significação dentro de uma narrativa e estas unidades funcionais possuem muitos tipos de correlações. Muitos detalhes que não parecem fazer sentido ao longo de uma história acabam com grande importância no final e analisaremos isso a partir da série *How I Met Your Mother*.

“Poder-se-ia dizer de uma outra maneira que a arte não reconhece ruído (no sentido informacional da palavra) é um sistema puro, não há, não há jamais unidade perdida, por mais longo, por mais descuidado, por mais tênue que seja o fio que a liga a um dos níveis da história” (BARTHES, Roland. 2008, P – 29).

“A função é evidentemente, do ponto de vista linguístico, uma unidade de conteúdo: é “o que quer dizer” um enunciado que o constitui em unidade funcional, não a maneira pela qual é dito.” (BARTHES, Roland. 2008, P – 30). Outra unidade da narrativa, os índices estão presentes ao longo de todo o discurso. Eles sempre possuem significado e podem estar ao longo do texto, sem que seu leitor perceba. É visto em informações relativas aos personagens ou a história e para ser analisado é necessário passar um nível superior, para se realizar uma análise integrativa. Assim, os índices implicam uma atividade de deciframento. Outras unidades do discurso, os informantes são dados dispostos ao longo do mesmo e também são importantes para a análise da construção e criação de sentido.

“Núcleos e catálises, índices e informantes (ainda uma vez pouco importam os nomes), tais são, parece, as primeiras classes entre as quais se podem repartir as unidades do nível funcional.” (BARTHES, Roland. 2008, P – 36). Assim, as unidades podem se misturar e pertencer a várias classes diferentes para desta forma os sentidos sejam construídos.

Além dos conceitos abordados acima, a cronologia será muito importante nas análises deste artigo. “[...] o que chamamos tempo não existe, ou ao menos só existe funcionalmente, como elemento de um sistema semiótico: o tempo não pertence ao discurso propriamente dito, mas ao referente; a narrativa e a língua só conhecem um tempo semiológico” (BARTHES, Roland. 2008, P – 38). E neste ponto, a cronologia se mostra crucial na construção das narrativas seriadas e principalmente na construção de sentido em *How I Met Your Mother*.



A recepção: codificação e decodificação

Para entender realmente como se deu o processo de recepção do último episódio de *How I Met Your Mother* é necessário entender como as teorias sobre este tipo de análise foram construídas e o que elas representam. Ao longo de anos, a série se propôs a criar a personalidade de seus personagens, a traçar um caminho para os mesmos, a construir uma relação próxima para com o espectador. Ao longo de nove temporadas, a audiência esperou pelo momento em que Ted Mosby e a mãe de seus filhos finalmente se conheceriam. Porque a rejeição? E houve rejeição de fato?

Um dos pontos abordados pelos teóricos que fazem ou fizeram estudos de recepção, é a questão de uma audiência heterogênea, que entende os discursos de maneira diferente e que recebe estes produtos de forma diferenciada também. “[...] a cultura é um processo social total por meio do qual significados são socialmente construídos e historicamente transformados.” (GOMES, Itania Maria Mota. 2004, P – 171). Este conceito é completamente do que se dizia anteriormente a respeito das audiências. Antes se pensava em uma massa homogênea que apenas recebia as mensagens passivamente. Agora se pensa em um público amplo, que possui uma cultura diferente, classe social diferente e que, conseqüentemente, entende discursos de maneira diferente.

Os estudos de recepção “[...] propõem-se analisar as interpretações que o público dá aos textos mediáticos ou, mais amplamente, o consumo ou uso que o público faz dos textos e das tecnologias da comunicação.” (GOMES, Itania Maria Mota. 2004, P – 174). O processo de decodificação é crucial nesta análise, pois leva em consideração como determinada audiência lida e constrói seu discurso de acordo com suas perspectivas culturais e sociológicas.

“Estudar recepção não se traduz por checar se a audiência alcança os sentidos transmitidos pelos meios de comunicação. Ao contrário, procuram-se “os diferentes sentidos que a audiência constrói” a partir das mensagens disponibilizadas pelos media. A própria “diversidade de sentidos” construídos é muitas vezes considerada, em si mesma, testemunho da atividade dos receptores.” (GOMES, Itania Maria Mota. 2004, P – 175).

Assim, os pressupostos de que a audiência é sempre ativa e os conteúdos dos meios polissêmicos são entendidos como básicos para que esta análise possa ser realizada. A produção discursiva é muito importante, justamente por dizer respeito a



uma audiência que não compreende um discurso da mesma forma. As narrativas podem ser recebidas das mais diversas formas.

David Morley, um dos teóricos da área, propõe alguns passos para esta análise. Primeiramente é necessário analisar as mensagens que são fornecidas, deixar os códigos de sentido ainda mais claros para saber quais as estratégias utilizadas por este discurso. Depois a investigação de campo é responsável por entrevistas que irão analisar a recepção junto com o público. Por último, estas duas etapas são comparadas para comprovar como esse discurso foi de fato recebido.

Apesar de se entender que os receptores absorvem os discursos de formas diferentes, Morley afirma que os emissores

“[...] não podem deixar que as mensagens fiquem abertas a “qualquer” interpretação. Eles são compelidos, no intento de fazer lograr uma comunicação eficaz, a introduzir uma direção ou certos mecanismos de “clausura” na estrutura da mensagem, de modo a estabelecer “uma” das possíveis interpretações como a “leitura preferencial ou dominante”.” (GOMES, Itania Maria Mota. 2004, P – 180).

Logo após as análises realizadas por Morley, estes estudos passaram a ganhar contornos um pouco diferentes. A atividade do receptor ainda é o foco e a pesquisa empírica ainda é necessária, porém as relações entre ideologia e linguagem foram distanciadas dos estudos principais, desta forma seus principais aspectos foram reconfigurados. Agora, também se analisam as questões do consumo cultural.

“Essa ênfase sobre o consumo cultural é decorrente de um redirecionamento do próprio objeto de estudo, que se deslocou das comunidades e classes posicionadas contra o bloco de poder dominante para o modo como subculturas específicas (grupos étnicos, homossexuais, feministas, adolescentes, culturas nacionais em desenvolvimento) mantêm e elaboram valores, identidade e ética autônomos.” (GOMES, Itania Maria Mota. 2004, P – 190).

Ainda pensando nestas análises, são estudadas as questões do prazer acerca de um discurso. Para muitos autores a questão do prazer está intimamente ligada ao modo que a recepção será mostrada. O texto escrito, em uma narrativa seriada, na TV ou em outros, provoca reações no leitor e o fato do prazer ao vê-lo ou lê-lo é real e influencia no modo do qual ele perceberá esta narrativa.

Foram contextualizadas aqui as ideias principais que permearão a análise da série escolhida. Os princípios de análise discursiva serão cruciais para entender de que



forma o seriado é visto por seu público e até que ponto ele é capaz de corresponder às expectativas do mesmo. A percepção dos estudos receptivos é o foco no momento em que proponho saber como o último episódio foi recebido pelo público principal da série.

How I Met Your Mother é vista como referência quando o assunto é a construção de seus personagens. Utilizando-se de passagens de tempo que muitas vezes podem ser complexas e jogando com as mitologias que criaram ao longo dos anos, os criadores trouxeram um final conectado com estes nove anos de temporadas e reviravoltas. Porém, este se mostrou um tanto controverso para alguns fãs (e outros não) que esperaram todo este tempo pelo fechamento desta história.

Mas porque determinados acontecimentos do final chocaram tanto aqueles que o assistiram? Será que em nenhum momento haviam pistas distribuídas ao longo da narrativa?

O último episódio da série e a recepção da audiência

No dia 31 de março de 2014 estreava o último episódio da série How I Met Your Mother. Episódio esse que bateu recorde de audiência na história da série e angariou um público de mais 12,8 milhões de telespectadores. A história de Ted (Josh Radnor), Marshall (Jason Segel), Lily (Allison Hannigan), Barney (Neil Patrick Harris) e Robin (Cobie Smulders) chegava à sua conclusão, na qual definitivamente saberíamos como o protagonista havia conhecido a mãe de seus filhos. A expectativa era grande e esperava-se por uma comoção enorme com o fim da série.

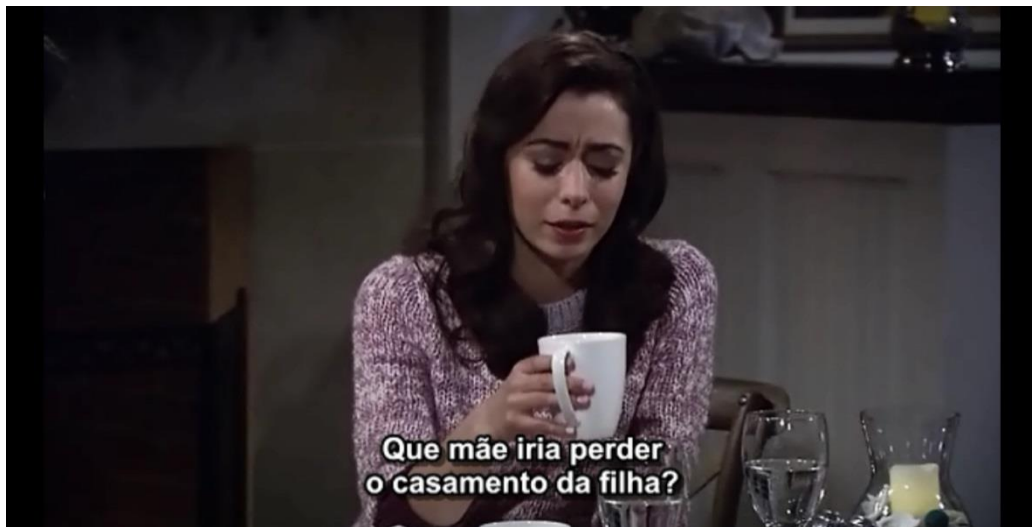
Porém, após o término do episódio o que se viu foram os fãs discutindo o que tinha ou não tinha funcionado nesta conclusão. Argumentos contra ou a favor sobre o final dos personagens circulavam pela internet e o final da série ganhou um foco ainda maior por parte das mídias, principalmente nas redes sociais. A pergunta de como tudo aconteceu não parava de surgir e muitos não se sentiam satisfeitos com o que fora visto. Mas será que a série não deixava claro o que estava por vir? Porque o arco principal não agradou a maioria dos fãs? Sob as perspectivas da análise do discurso, veremos momentos em que a série preparava seus telespectadores para o final da saga de Ted Mosby.

Em um fim controverso, finalmente descobrimos o dia em que Ted conheceu a personagem que dá título a série: a *Mother* (Mãe em português) – e ela também ganha um nome, Tracy Mcconell (Cristin Milloti) – e como eles se casaram e tiveram seus dois filhos. Porém, nem tudo parece ter sido fácil durante essa jornada. Para confirmar as suspeitas dos espectadores, ela falece e Ted se vê novamente sozinho. Após seis anos de luto, ele segue novamente na ideia de viver seu amor com Robin, personagem que ele já havia namorado diversas vezes ao longo da história. Este arco – e alguns outros – foi o suficiente para gerar a reação dos fãs e as mais diversas manifestações nas redes sociais.

Mostrarei neste artigo algumas das reações vistas pela rede e como elas vão se repetindo ao longo de diversos discursos. Neste ponto é necessário que entendamos os momentos em que a série preparava seu público para o fim da personagem. De acordo com Roland Barthes, que já vimos anteriormente, nenhuma informação é jogada por acaso dentro da narrativa. Muitas vezes o que parece sem importância, deixa marcas na conclusão de determinada história. Para tanto, analisaremos alguns episódios da série.

No episódio 20 da oitava temporada da série “The Time Travelers”, Ted se encontra na mesa do bar que frequenta constantemente com seus amigos. Porém desta vez, ele está sozinho e sente que precisa encontrar a pessoa que ama. Aqui a série se utiliza de sua cronologia para realizar um momento que teoricamente não aconteceu de fato na vida do personagem. De acordo com o tempo seguido pela narrativa, ele só conheceria a *Mother* depois de 45 dias. Como Ted conta para seus filhos a história no ano de 2030, o narrador se dá ao direito de mostrar o que realmente gostaria de ter feito naquela noite. Neste momento o personagem corre até a porta de sua amada e diz que necessita destes quarenta e cinco dias a mais com ela e que irá amá-la para sempre.

Neste momento as teorias já começaram a surgir. Porque ele necessitava desse momento a mais? E os produtores da série se mantinham absolutamente em segredo sobre o momento final. Já as especulações continuaram até o episódio 19 da nona temporada, o “Vesuvius”. Neste episódio Ted ainda não contou para seus filhos como conheceu a mãe, porém utiliza-se mais uma vez da cronologia da série para contar um momento um pouco à frente. Neste episódio o casal (Ted e Tracy) conversa e conta velhas histórias um ao outro.



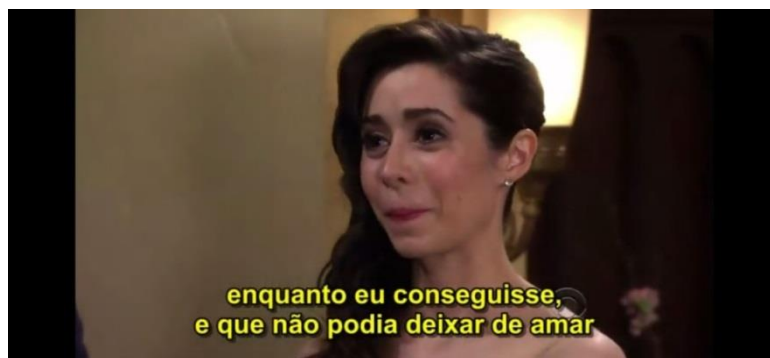
Episódio 19 da 9ª temporada (“Vesuvius”). O episódio incitou as teorias sobre a morte da *Mother*.

(Fotos: Reprodução)

Tracy diz para Ted que nenhuma mãe perderia o casamento de sua filha e neste momento ele começa a chorar. Aqui poderíamos dizer que a frase de Tracy e a emoção de Ted seriam índices – de acordo com as unidades narrativas descritas por Barthes – que indicariam que a *Mother* não poderia estar presente no casamento de sua própria filha, já pensando no que fora mostrado no final da história. “O texto não é, simplesmente, um repositório de informações pré-determinadas, mas um processo significativo, porque sua acepção não depende unicamente do autor, mas da interação verbal entre interlocutores, numa atitude dialógica geradora de inúmeros sentidos, cuja determinação é histórica, social e ideológica.” (OLIVEIRA, Maria Angélica de. 2003, P

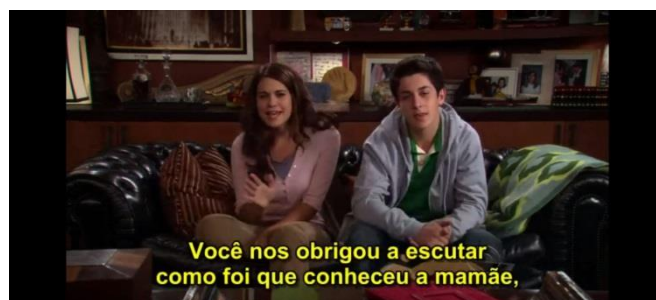
– 36). Desta maneira a frase deixaria a narrativa em um ponto no qual o espectador faria a sua própria leitura para entender o que se passaria na vida do casal neste momento.

Já no último episódio da série, Ted conta para o público que Tracy está morta em 2030 (ano em que ele conta a história para seus filhos). Digo que conta para o espectador porque seus filhos já passaram por esse momento e o ocultamento desta informação é permitido pela cronologia que é típica da série, o que é crucial para a construção da mesma. Assim os pequenos índices deixados ao longo da história se conectam a grande frase que é esta narrativa, formando um significado para aqueles que a consomem.



Episódio 24 da 9ª temporada (“Last Forever Part II”). (Fotos: Reprodução)

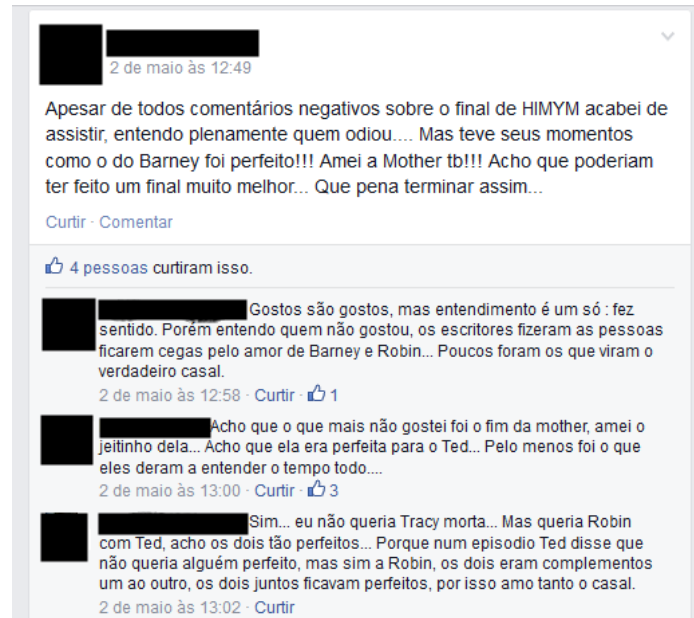
Porém, ao fim deste mesmo episódio as reações foram diversas. Em toda narrativa se é feito um contrato com o público e todo o cuidado é necessário para que este contrato não seja quebrado. Ao fim *How I Met Your Mother* o que ficou nítido foram que as significações dadas ao discurso criado por Carter Bays e Craig Thomas não foram unificadas. Enquanto muitos defendiam que o arco principal da história estava claro com o passar dos anos, muitos defendiam que com o passar dos anos – e aí podemos levar em conta a questão do tempo desta narrativa – este arco já não estava tão claro.



Episódio 24 da 9ª temporada. Os filhos de Ted o questionam sobre o real motivo de contar a história. (Fotos: Reprodução)

Aqui entram as análises receptivas. Como se explicam as reações mais adversas em relação ao episódio final desta história. “Os estudos de recepção baseiam-se em dois pressupostos. Primeiro, o de que a audiência é sempre ativa; segundo, o de que o conteúdo dos meios é polissêmico – o que tem sido entendido como sua abertura a diferentes interpretações.” (GOMES, Itania Maria Mota. 2004, P-175). Sem dúvidas os produtores da série pensaram em seu final e trabalharam sob este arco, mas talvez não tenham se atentado para os anseios da audiência, não que eu diga que isto necessite ser realizado. Com certeza a liberdade criativa dos autores possibilitou a construção de um final que mesmo com poucas pistas lançadas durante a série, já estava pré-determinado há algum tempo. Mesmo a estrutura da série já possibilitava esta interpretação. Durante nove anos, enquanto Ted Mosby contava a história

de como conheceu a mãe de seus filhos, a personagem que dá nome a série só apareceu no último episódio da oitava temporada e nunca apareceu durante o ano de 2030. Vamos analisar diferentes comentários para entender a questão da recepção do público.



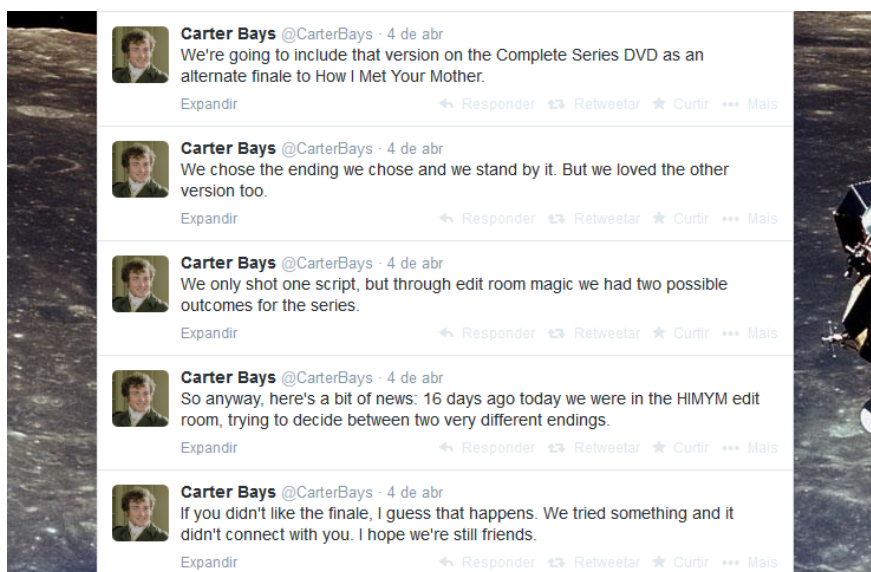
Comentários sobre o final. Página: *Yellow Umbrella* no Facebook.

Nesta página criada pelos fãs da série para a discussão acerca do episódio final era possível visualizar as mais diferentes suposições e reações para com o mesmo. Na imagem acima é possível entender um pouco da questão. No primeiro comentário, o autor conta que apesar do final concedido à trama é possível pensar nos pontos positivos do final. Já no segundo vemos um entendimento diferente. O espectador acredita que o final fez sentido, porém os escritores deslizaram em outro ponto da história que era essencial para construir este objetivo. Por fim, o último comentário se mostra aberto em relação ao final e sempre desejou que isso acontecesse, ainda que não tenha sido de seu completo agrado. Vejamos mais um exemplo:

“Para a análise das mensagens, considerou-se que os programas comunicam mais que seu conteúdo explícito. Por isso não basta simplesmente analisar o conteúdo do que se diz, mas também as pressuposições que subjazem este conteúdo.” (GOMES, Itania Maria Mota. 2004, P-179). Para tais reações podemos analisar a grande construção feita sob a personagem *Mother* (Cristin Milloti) e todos os anos de expectativa para o conhecimento da mesma. Durante nove anos os telespectadores acompanharam as decisões e os relacionamentos de Ted, esperando que finalmente ele encontrasse a

mulher que ama. Mas, já no final, descobre-se que ele não conseguiu viver muito tempo com ela, pois esta acabou falecendo. O que se viu foi uma discussão acalorada sobre o real papel da personagem e sobre o amor de Ted pela mesma. Já sobre os produtores terem declarado que o final já estava previsto há alguns anos, os argumentos dos espectadores afirmavam que este final já não era possível se levássemos em conta a evolução de cada personagem. E sobre as mensagens que já deixavam explícito o final da mãe dos filhos de Ted? Podemos dizer que estes não passaram despercebidos pelos fãs da série, que já vinham fazendo discussões e teorias acerca destas cenas, já mostradas aqui. O que se pode inferir é que a expectativa e o apego à personagem *Mother* foi além das mensagens que vinham sendo jogadas ao longo do discurso. O tempo extenso da narrativa, em que a personagem não aparecia, só proporcionava especulação e desejo por conhecer a personagem. Mas ainda que possamos dizer que tais mensagens de recepção foram claras, também podemos ver que muitos telespectadores já esperavam pelo final, justamente pelas pistas seguidas ao longo do discurso. Assim, podemos ver certo padrão nessa recepção: aqueles que acharam o final digno e coerente em contraponto com aqueles que acharam o final ruim e incoerente.

Os emissores não podem deixar que as mensagens fiquem abertas a “qualquer” interpretação. Eles são compelidos, no intento de fazer lograr uma comunicação eficaz, a introduzir uma direção ou certos mecanismos de “clausura” na estrutura da mensagem, de modo a tentar estabelecer “uma” das possíveis interpretações como a “leitura preferencial ou dominante”. (GOMES, Itania Maria Mota. 2004, P-179).



No twitter de Carter Bays (produtor da série) ele conta que foi feita outra versão para o final da série e que este final estará incluído em um box com todas as temporadas. Aqui a recepção dos fãs muda a forma de comportamento dos produtores perante a audiência. (Foto: Reprodução/Twitter)



O que fica após esta análise é a ideia de que a recepção daqueles que consomem determinado texto é muito importante e que o discurso também é o responsável pela construção da identidade deste texto e pela recepção que os espectadores farão do mesmo. As perspectivas propostas por teóricos como Roland Barthes, Stuart Hall e Tzvetan Todorov se mostram essenciais para uma análise profunda da construção dessas mensagens e para entender como estas são, de fato, recepcionadas pelo público.

Considerações Finais

Para chegarmos a uma conclusão é necessário entender como a construção de um discurso afeta as questões da recepção, como já dito acima. Os emissores de determinada mensagem desejam a leitura de seu discurso de determinada forma. No caso de *How I Met Your Mother*, podemos ver que os produtores e escritores da série foram deixando pistas (ou índices, de acordo com a análise estrutural de Roland Barthes) para que a recepção final do discurso fosse a esperada. Porém, o que se viu foram outros discursos divergentes como os já vistos e exemplificados neste artigo.

Segundo Todorov, as combinações de acontecimentos em uma narrativa são singulares e muitas vezes pouco coerentes, mas isso não quer dizer que não haja uma organização. Ao longo de muitos anos de produção, ainda que *How I Met Your Mother* trabalhe com um tempo narrativo complexo e se utilize de passagens no tempo constantemente, a narrativa da série busca situar Ted Mosby em um momento que busca a mulher de sua vida, ainda que ele tenha demorado bastante tempo para isso. A forma como a personagem Mother – que só ganha nome no último episódio – é construída levou os telespectadores à uma expectativa grande, levou à um desejo de um longo futuro entre ela e Ted. Mas ainda assim, muitos se sentiram satisfeitos por entender as mensagens presentes na história que acabaram se conectando através deste final.

Desta maneira, vemos como a concepção da ideia de recepção é importante para esta análise. O público não é uma grande massa homogênea que simplesmente recebe tal mensagem e lhe dá significado sempre de acordo com o esperado. Como um grupo de pessoas que vive culturas diferentes, pensa diferente, age diferente é possível visualizar significações diferentes sobre determinado discurso. Isso não necessariamente significa que a série foi falha em seu propósito final, mas também pode ter deslizado ao longo da construção de sua narrativa.



Enfim, é necessário pensar no público como essencial para a significação de um discurso, porém também vimos que *How I Met Your Mother* foi deixando ao longo desta narrativa, momentos que procuravam interligar o final de seus personagens, e muitas outras passagens no tempo utilizadas pela série podem comprovar isso – passagens que não foram mostradas por aqui por conta da análise focada no último episódio da série –. Os estudos de Barthes e Todorov são referência quando o assunto é análise das estruturas de uma narrativa e Stuart Hall é essencial nos estudos de codificação/decodificação de mensagens. É muito interessante perceber como as pequenas frases se unem e constroem um discurso, para que depois ele seja completado pelos significados daqueles que o consomem.

Referências

BARTHES, Roland. **Análise estrutura da narrativa**. Editoras Vozes – Petrópolis – Rio de Janeiro, 2008.

Fã-site **Yellow Umbrella**. <http://www.yellowumbrellahimym.com/> Acessado em: 20 de maio de 2014 às 18:30.

GOMES, Itania Maria Mota. **Efeito e recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media**. Editora e-papers – Rio de Janeiro, 2004.

LEITE, Ligia Chiapp. **O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)**. Editora ática S.A. São Paulo, 1987.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. Editora ática S.A – São Paulo, 1988.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. Editora Martins Fontes – São Paulo, 1993.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Editora Perspectiva S.A – São Paulo, 1970. 2ª edição.

VIEIRA, Josênia Antunes; SILVA, Denize Elena Garcia da. **Práticas de análise do discurso**. Editora Plano – Brasília (UnB), 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Editorial Presença – Portugal, 2002.